

O que farei com Cristo?

Steve FLtt

É a madrugada de sexta-feira. Jesus foi conduzido por uma estranha mistura de soldados e sacerdotes de um jardim chamado Getsémani até à casa de Caifás, o sumo sacerdote nomeado pelos romanos. Depois de algum tempo ali, foi levado até Anás, o verdadeiro sumo sacerdote judeu, e depois de volta a Caifás. Estes dois sumos sacerdotes decidiram que aquele homem deveria morrer, mas não tinham autoridade para o fazer; só o procurador romano poderia condenar um homem à morte. Então, levaram-no a Pôncio Pilatos. O mundo nunca se lembraria de um pequeno governador romano chamado Pilatos, não fosse o seu encontro com Jesus. Acordado bem cedo, percebeu que se tratava apenas de uma pequena discussão entre judeus. No decorrer da sua conversa e deliberações com Jesus, Pilatos rapidamente percebeu que aquele homem não tinha feito nada de errado, certamente nada que merecesse a morte, pelo que elabora um plano.

Há já algum tempo que era costume romano apaziguar os judeus, libertando-lhes um prisioneiro específico durante a Páscoa. "Era costume do governador, na festa, soltar um prisioneiro escolhido pela multidão. Havia, então, um prisioneiro famoso, chamado Barrabás. Quando a multidão se reuniu, Pilatos perguntou-lhes: 'Qual deles quereis que vos solte: Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?' Pois ele sabia que lhe tinham entregue Jesus por inveja." (Mateus 27:15-18)

Sabemos muito pouco sobre Barrabás. Marcos e Lucas contam-nos que ele ajudou a liderar uma insurreição falhada contra o governo romano e que era culpado de assassinato. Pilatos pensou que ele estava a apelar ao sentido de moralidade dos judeus. Ele sabia o quanto eles odiavam o governo romano, mas certamente, certamente não tolerariam assassinatos. Como Jesus não era culpado de nenhum crime real e apenas uma semana antes, tinha-se tornado bastante popular quando entrou na cidade aos gritos de "Hossana! Hosana!", Pilatos pensou que certamente a multidão iria pedir a sua libertação. Mas, para sua surpresa e consternação, gritaram: "Dai-nos Barrabás, dai-nos Barrabás!". A próxima questão de Pilatos é o foco do nosso estudo. Com medo, raiva e confusão, perguntou: "Que farei então com Jesus, chamado Cristo?"

Pilatos não se apercebeu, mas estava a fazer uma pergunta muito maior do que ele próprio, muito maior do que a sua época. Enquanto os homens viverem, Pilatos será recordado como o homem através de quem se coloca a questão central da vida: "Que farei eu com Jesus, chamado o Cristo?"

Note-se o pronome pessoal: Que farei com Jesus? Há muito poucas coisas na vida que são incontornáveis. O velho ditado diz: "A morte e os impostos são a única coisa". Não, isto não está certo, há muito mais e Jesus é uma delas. Durante 2000 anos, ele tem sido a personagem central da história humana e, como Jesus está no coração do universo, está no centro da agenda de cada ser humano. A única verdade sobre Jesus Cristo com a qual todos concordam é esta: Ele não pode ser ignorado. Com o passar dos séculos, os homens responderam-lhe com amor, alguns com desprezo, alguns com escárnio, outros com desdém, alguns com espanto, alguns com negação e alguns com afeição, mas todos responderam. A biografia de Jesus termina com estas palavras: "Eis que Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo".

Jesus Cristo ainda está vivo. Ele não é fruto da imaginação ou produto de um conto de fadas. Não é apenas um homem histórico. Não é o fundador surpresa de uma das maiores religiões do mundo. Ele

está vivo. Ele está em casa aqui, tal como estava em Cafarnaum. Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Se deixar que isto penetre, então a pergunta que Pilatos fez há anos é tão pertinente e importante hoje como era naquela época.

A questão de saber se Jesus viveria ou morreria era mais do que uma questão de interesse para um Sinédrio Judeu ou para um procurador romano. Não, a questão de saber se Jesus deve viver ou morrer é respondida no coração, na mente de cada homem e de cada mulher. O que fará com este Jesus que é chamado Cristo? Pode olhar para aquela cena da Crucificação e ver as escolhas específicas nas vidas e nos rostos de inúmeras personagens ali presentes. Deixe-me partilhar consigo quatro dessas escolhas.

1. Escolha a verdade ou a tradição.

Verdade ou tradição era a questão que se colocava ao sumo sacerdote e aos fariseus. De facto, esta questão era a principal razão pela qual existia uma cruz. Os judeus procuravam um Messias há séculos. Tinha sido profetizado ao longo de todo o Antigo Testamento. Todos os dias, milhares de famílias judias oravam pela vinda do Messias, mas supunham que seria algum grande génio militar e governamental. Procuravam um novo Moisés, um novo Josué ou um novo David. Procuravam alguém forte, um génio militar num cavalo branco atrás de uma carruagem. Lideraria as grandes forças para uma conquista sobre os romanos. Por outras palavras, procuravam o que queriam, e não o que Deus tinha proclamado.

Assim, na plenitude dos tempos, o Messias veio e não era exatamente aquilo que esperavam. Nascido num estábulo, não havia aroma de realeza, ligações políticas, linhagem ou formação formal. Nem sequer era judeu, era da Galileia. Os seus amigos mais próximos cheiravam a peixe e ele andava na companhia de cobradores de impostos e prostitutas. As massas adoravam-no. Amavam-no porque ele as amava e porque falava verdades simples. Ele era a verdade, mas os "poderes constituídos" esperavam a tradição. Mexer com a tradição é cortejar a cruz.

Em Mateus 15, no início desse capítulo, Jesus condenou a pequena tradição que tinham estabelecido para que o povo judeu negligenciasse o cuidado dos seus próprios pais, penhorando as suas propriedades ao templo. Concluindo no versículo 6, com algumas observações mordazes: "Com as vossas pequenas tradições, invalidastes a palavra de Deus". Em Mateus 23, chamou aos príncipes dos sacerdotes e aos fariseus sepulcros caiados, "por fora estão todos pintados, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos".

Verdade ou tradição, é uma questão intemporal, uma escolha intemporal. Os fariseus procuravam o que queriam, e não o que Deus proclamava, tal como muitos de nós. Ao longo dos séculos, denominações, seitas, cultos, grupos e os seus líderes pintaram imagens de Jesus que pouco se assemelham ao verdadeiro Filho de Deus. Durante esse mesmo período, milhões de pessoas que nunca leram a Bíblia diziam: "Bem, a minha ideia de Deus é..." ou "Sempre pensei em Jesus como...". Apenas mais uma forma de escolher a tradição em vez da verdade. Escute-me. Deus não honra a percepção. Se honrasse, os fariseus estariam bem. O que Deus honra é a verdade.

O que fará com o verdadeiro Jesus? Vai transformá-lo no que quer que ele seja? Ou moldará a sua vida de acordo com quem ele é?

2. A escolha de Cristo ou da multidão?

Esta foi a escolha que Pedro enfrentou especificamente. É irónico que a crucificação de Jesus tenha sido impulsionada por uma multidão enfurecida, uma turba insensata. É irónico porque, durante todo

o seu ministério, Jesus foi muito popular entre as multidões. No grande Sermão da Montanha, a razão pela qual ele estava numa montanha é porque precisava daquele anfiteatro para poder proclamar a sua mensagem a uma multidão tão grande de pessoas. (Mateus 5-7) Jesus pegou num punhado de alimentos e alimentou 5.000 homens, além de mulheres e crianças. (Mateus 14) Zaquê subiu a uma árvore porque não conseguia ver, a multidão era muito grande. (Lucas) Apenas sete dias antes, quando chegou a Jerusalém, estavam a colocar folhas de palmeira no seu caminho, clamando "Hosana ao Filho de Deus". Na verdade, foi por causa da multidão que Jesus viveu tanto tempo.

A cerca de dois terços do seu ministério, "os fariseus diziam uns aos outros: 'Vejam, isto não nos leva a lado nenhum. Vejam, o mundo inteiro vai atrás dele!'" (João 12:19). Muitas vezes nos evangelhos, as multidões estavam prontas para o coroar rei. Mas Jesus nunca será coroado por uma multidão. Ele é entronizado ou destronado no coração de cada indivíduo.

Lembra-se de como Pedro seguiu Jesus à distância após a sua prisão? Ficou perto de uma fogueira a aquecer-se e negou conhecer o Senhor três vezes. Por quê? É uma pergunta parva, não é? Não é preciso ser um génio para descobrir. Não era a posição politicamente correta naquele momento. Podia muito bem haver uma quarta cruz naquele monte chamado Calvário. No mínimo, teria certamente causado uma severa sova, Cristo ou a multidão? Pedro escolheu a multidão.

Após a Ressurreição, depois de Jesus o ter visto face a face e lhe ter dito o quanto o amava, depois de Jesus o ter perdoado, depois do Pentecostes, sete semanas depois, após a vinda do Espírito Santo e após a vinda da sua igreja, esse mesmo Pedro é uma força tão grande para o cristianismo que é chamado perante esses mesmos líderes. É ameaçado de morte e perguntam: "Pedro, o que vais fazer?". O ponto principal é que ele se depara novamente com a mesma questão. Cristo ou a multidão? Para seu crédito, desta vez Pedro olha-os diretamente nos olhos e, se me permitem a paráfrase, diz: "Eu aceito o Cristo, obrigado." (Actos 4-5)

Todos os dias se depara com a mesma questão, e eu também. A multidão é muito inconstante. Dizemos que a América é uma nação cristã. Isto não supõe que a maioria dos americanos tenha sido cristã, mas a ética judaico-cristã era tudo o que este país defendia, admirava e valorizava. Hoje, francamente, ser cristão é geralmente visto como algo insípido, ignorante e politicamente incorreto. A única coisa com que a nossa sociedade é intolerante é com alguém que acredita que existe uma verdade absoluta. É totalmente inaceitável que alguém se levante e diga: "Concordo com Jesus que ele é o caminho, a verdade e a vida. Não, não se chega ao céu de outra forma, só por ele". E você? É sal e luz para um mundo moribundo? Ou escolhe, como Pedro, ficar perto da sua pequena fogueira, com medo e sem ser notado?

3. Consciência ou César?

Pilatos sabia que aquele homem era inocente, certamente inocente de qualquer delito que justificasse a sua execução. Então, quando bombardeado por acusações de traidor, Pilatos chamou-o para dentro e perguntou a Jesus: "És rei?". Jesus olhou calmamente e disse: "Dizes bem, mas o meu reino não é deste mundo." Após a conversa, Pilatos soube que Jesus não era um rebelde. Não era um insurgente ou fanático. Perguntou-se por que razão aquele homem se estava a apresentar diante dele, para começo de conversa.

Mateus dá-nos uma nota entre parênteses ao registar: "Enquanto Pilatos estava sentado no tribunal, a sua mulher enviou-lhe esta mensagem: 'Não tenhas nada a ver com este homem inocente, pois hoje sofri muito em sonhos por causa dele'" (Mateus 26:19). Então Pilatos tomou a decisão, a decisão

inicial de o libertar. Enquanto os judeus viam esta decisão desenrolar-se e a sua trama ser frustrada, o apóstolo João regista a sua reação. "Daí em diante, Pilatos tentou libertar Jesus, mas os judeus gritavam: 'Se soltares este, não és amigo de César. Todo aquele que se diz rei se opõe a César.'" (João 19:12) BAM! Sabe o que foi isso? Foi o som da porta a bater na cara de Jesus. Foi o som do golpe decisivo.

Durante mais de um quarto de século, a Judeia tornou-se um campo de testes para a futura liderança em Roma. Como diz a velha canção: "Se conseguiste chegar lá, conseguirás chegar a qualquer lugar". Se um procurador romano conseguisse ficar lá três ou quatro anos, apaziguar os judeus e manter tudo em segredo, regressaria a Roma para uma promoção política. Se não conseguisse lá chegar, simplesmente perder-se-ia na obscuridade. Quando Pilatos ouviu aquelas palavras: "Se és amigo deste homem, não és amigo de César", imaginou imediatamente que chegaria a César a notícia de que ali estava um homem, Pilatos, que se opunha a um grupo que era uma ramificação dos judeus, alguém que estava a causar uma insurreição; talvez fosse dar muito trabalho. Pilatos perguntou: "O que será, a consciência ou César?" Ele escolheu César.

Temos a mesma escolha. O nosso César é aquele poder, autoridade ou influência, cuja aprovação achamos que precisamos tão desesperadamente. Talvez seja o seu chefe no trabalho que segura o aumento e a promoção numa mão e um bilhete de despedimento na outra, pedindo-lhe que comprometa a sua integridade. É o VIP cujo favor achamos que precisamos de ter, e milhões de vezes por dia a integridade é comprometida, a convicção é diluída e, por vezes, o bolso valorizado. César é servido e Cristo é crucificado.

4. Submissão ou auto.

Vejamos mais uma personagem no drama da crucificação, um homem chamado Judas Iscariotes. Acredito que no seu coração encontramos a luta e a decisão básicas da vida. Estou convencido de que muitas pessoas têm uma impressão totalmente errada de quem é Judas. A maioria de nós imagina-o total e constantemente como um vilão diabólico que usava um chapéu preto, mantinha uma capa sobre o rosto, escondia-se nas sombras e era apenas a personificação do mal durante toda a vida. Não acredito que isso seja verdade. Creio que, quando Jesus partiu em busca de 12 homens, 12 apóstolos, escolheu os melhores homens que conseguiu encontrar, e Judas foi um deles. Educado e judeu, era provavelmente o mais qualificado e bem preparado dos 12. Não, o destino de Judas e a sua reputação surgiram como resultado de uma decisão errada na luta eterna, da escolha da soberania, da escolha sobre quem governa. Deus ou a si mesmo.

Com o passar do tempo, Judas tornou-se uma testemunha chocante do resultado dos seus atos. Ao ouvir os uivos furiosos daquela multidão enfurecida, o seu coração começou a partir-se. Não creio que tenha regateado na cruz. Então, enquanto Jesus era conduzido até ao cimo da colina, tomado pelo pânico, tentou desfazer o acordo devolvendo o dinheiro de sangue. Correu e lançou-o aos pés dos príncipes dos sacerdotes. Na sua hipocrisia, aqueles que pagaram não o quiseram recuperar. Atingido por uma consciência ferida, tentou erradamente desfazer o ato recorrendo à força.

Diga-me, já parou para pensar se Judas não conseguia viver sem Cristo, porque não escolheu viver por Ele? A resposta é simples. Não tinha qualquer intenção de viver sem Jesus. Queria levá-lo, mas não demasiado a sério. Queria ficar com Jesus e não perder nada, na verdade, até ganhar 30 moedas de prata. Ele estava disposto a seguir Jesus, mas nos seus próprios termos, condicionalmente. Ele queria esse meio-termo. Judas procurou agarrar-se a Cristo numa mão e às 30 moedas de prata na outra. Essa escolha ainda está lá. Deus ou a si próprio? Um deles tem de ser crucificado.

Paulo disse o que está no cerne de toda a mensagem do evangelho: "Estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim." (Gálatas 2:20) Pode confessar e ser batizado, mas até que tome a decisão no seu coração de se crucificar a si mesmo e deixar Cristo reinar, não conhecerá a alegria e o fruto do cristianismo.

Sabe quem são as pessoas mais miseráveis do mundo? Em criança, sempre me disseram que eram os pecadores, aqueles que viviam uma vida lasciva, a festejar e a divertir-se. Mas não são as pessoas mais miseráveis do mundo. Não me interprete mal. Eventualmente, aquilo em que se envolvem irá alcançá-los. É uma vida vazia que conduz ao vazio. Leva à rejeição total e ao desânimo. Mas não são as pessoas mais miseráveis do mundo. As pessoas mais miseráveis do mundo são aquelas como Judas, que ficam neste meio termo e tentam segurar a cruz numa mão e o mundo com a outra. Ao equilibrarem-se nesta divisão, que ninguém consegue ultrapassar, são constantemente dilacerados por dentro. Submissão ou ego, é a isto que tem de responder quando se depara com a questão: o que farei eu com Jesus, que é chamado Cristo?

Não é incrível? Pilatos fez esta pergunta há quase 2000 anos e, no entanto, ela ainda ecoa através dos anos. As escolhas básicas, a verdade ou a tradição, Cristo ou a multidão, a consciência ou César e a submissão ou o ego, todas elas ainda estão lá. Qual é a sua decisão? O que fará com este Jesus que é chamado Cristo?

Infelizmente, quando a multidão ouviu esta pergunta, sob a liderança dos príncipes dos sacerdotes e dos fariseus, começou a gritar: "Crucifica-o, crucifica-o, crucifica-o!". Espero que a sua resposta seja diferente. Jesus disse em Mateus 10:32: "Quem me confessar diante dos homens, Eu o confessarei diante do Pai." Ele disse em Marcos 16:16: "Quem crer e for batizado será salvo; quem não crer será condenado."

Hoje, a questão mais importante está diante de si. "Que fará com Jesus, que é chamado o Cristo?" Se nunca respondeu a isto num sentido mais amplo, se nunca disse: "Eu sei que ele é o Filho de Deus, confesso-o, confesso-o agora mesmo, então agora é o momento. Quero ser batizado, simbolicamente sepultando o meu antigo eu pecaminoso num túmulo aquoso para ser ressuscitado para andar em novidade de vida." Espero que a sua resposta não seja como a da multidão, dizendo "crucifica-o novamente. Crucifica-o novamente".

Aqueles de vós que entregaram as suas vidas a Cristo, examinarão estas quatro escolhas básicas que estão envolvidas nesta questão? Olharia profundamente para o seu coração e perguntar-se-ia se estou a pintar um quadro de um Jesus que quero ou se estou a seguir a verdade? Estou realmente a ouvir o apelo da multidão ou estou firme num mundo moribundo que precisa de alguém que se levante? Pergunte a si mesmo: a minha consciência está a guiar-me ou estou a curvar-me diante de algum César alheio? Finalmente, rendi-me a ele? Ou está realmente a dar as suas próprias cartas? Já foi fiel em Cristo, mas agora precisa de se comprometer novamente, pedir a Deus que o perdoe mais uma vez, como está disposto a fazer, e receber a força dessa cruz para se levantar e voltar a caminhar com o verdadeiro eu. Assim, hoje é o dia para esse compromisso. Não demore. Hoje é o dia da salvação.